

**ONILZA BORGES MARTINS: LIDERANÇA, PROFISSIONALISMO E HUMANISMO***ONILZA BORGES MARTINS: LEADERSHIP, PROFESSIONALISM AND HUMANISM***Maria Elisabeth Blanck Miguel**

Doutora em Educação. Professora Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: meblanck@gmail.com  
Orcid10.17265/2159-5542/2018.04.004

O resgate da história de uma pessoa, de um profissional, se faz não só de documentos como de testemunhos. Neste sentido, cada testemunho é um elo que auxilia a tecer uma história inserida em um contexto social, político, econômico, cultural e educacional. Assim me vejo hoje, na condição de prestar testemunho sobre um pequeno período da vida profissional de uma professora marcada pela excelência no trabalho e espírito humanitário, qualidade esta que foi a maior característica de Onilza Borges Martins. Embora a tenha encontrado depois em outros ambientes educacionais, é da fase que passo a narrar, que trago as lembranças mais marcantes.

No final da década de 1960 e no ano de 1970 trabalhei no Instituto de Educação do Paraná como professora do ensino médio. O tempo maior de minha atuação nesta Instituição realizou-se nos Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento de Magistério. Estes cursos foram criados atendendo o Decreto Lei nº 8530, de 02 de janeiro de 1946, que transformava as Escolas Normais em Instituto de Educação. O que diferenciava este tipo de instituição era a oferta de cursos de especialização e aperfeiçoamento para os professores já formados no segundo ciclo do ensino normal. A referida lei, em seu artigo 3º “Dos ciclos do Ensino Normal e de seus Cursos”, assim definia:

Art. 2º O ensino normal será, ministrado em dois ciclos. O primeiro dará o curso de regentes de ensino primário, em quatro anos, e o segundo, o curso de formação de professôres primários, em três anos.

Art. 3º Compreenderá, ainda o ensino normal cursos de especialização para professôres primários, e cursos de habilitação para administradores escolares do grau primário. (<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>) Acesso em 25/05/2018.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 20 de dezembro de 1961, manteve o que a Lei Orgânica havia estipulado: **CAPÍTULO IV**  
**Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio**

Art. 52. O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, superviso-

res e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância.

Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

- a) em escola normal de grau ginasial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica;
- b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao grau ginasial.

Art. 54. As escolas normais, de grau ginasial expedirão o diploma de regente de ensino primário, e, as de grau colegial, o de professor primário.

Art. 55. Os institutos de educação além dos cursos de grau médio referidos no artigo 53, ministrarão cursos de especialização, de administradores escolares e de aperfeiçoamento, abertos aos graduados em escolas normais de grau colegial. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 28/05/2018.

Ali encontrei a Professora Onilza, uma pessoa que me marcaria indelevelmente, por sua atuação enquanto profissional e crença no poder transformador da educação, qualidades estas acentuadas também pela disciplina e dedicação ao trabalho, manifestadas por meio da sempre presente, atualização de novos conhecimentos.

Neste período, Onilza exercia o cargo de coordenadora dos Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento do Instituto de Educação do Paraná. Fui designada para atuar junto a esses cursos, sob sua direção. Ela então convidou-me para coordenar a especialização em Educação Pré-Primária. Na ocasião coordenava a especialização para administradores escolares, a Professora Naura Syria Ferreira Corrêa da Silva e em Orientação Educacional, a Professora Chlorys Casagrande Justen. Atuava conosco, dentre outros, ministrando aulas para a especialização em Educação Pré-Primária, um grupo de professores muito bem preparados. Dentre eles, lembro-me das Professoras Gilda Moreira Weiss e Miracy de Araujo Britto. Esta havia sido aluna de Erasmo Pilotto. Éramos um grupo de professores ligados por uma crença comum: o poder transformador da educação.

Agora, ao escrever este texto, resgato da memória as lembranças de um passado de trabalho comum cujo elo era a educação. Tínhamos a nos coordenar, uma pessoa que nos fazia não somente aplicar o que havíamos aprendido na Escola Normal, mas nos abria um horizonte fundamentado na ciência e na pesquisa.

Naquela época, ainda não se falava em grupos de estudos; no entanto, vivíamos uma equipe que tinha como objetivo, estudar autores capazes de oferecerem subsídios para o aprofundamento dos conhecimentos, atualização dos conteúdos e modos de aplicá-los nos respectivos cursos nos quais atuávamos. Essas reuniões ocorriam semanalmente,

quando eram discutidos os autores estudados, bem como os avanços e problemas encontrados quando da aplicação do que havia sido proposto, nas práticas escolares vividas.

Tais estudos e discussões contribuíam de modo relevante para o desenvolvimento das orientações, não só em relação às aulas ministradas no Curso de Especialização em Educação Pré-Primária, mas também nas orientações às professoras regentes da turma de Jardim de Infância, anexa aos Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento. Esta classe de Jardim, ao lado da sala dos Cursos, funcionava como laboratório de aplicação das sugestões encontradas nos livros. Mas, seguia também o que já estava consagrado na literatura educacional, sobre a educação das crianças na faixa de idade até os seis anos: seu desenvolvimento, seus interesses, suas necessidades. Ainda estavam bem presentes, as ideias apregoadas pela Pedagogia da Escola Nova.

Buscando um aperfeiçoamento na tarefa de educar e atualização em relação à teoria educacional, uma das obras selecionadas e indicadas por Onilza, criteriosamente lida e discutida, foi “Seis estudos de Psicologia”, de autoria de Jean Piaget, cuja primeira edição datou de 1964; hoje em sua 25ª edição.

Este livro aborda, na primeira parte, o desenvolvimento mental da criança, desde o recém-nascido até a fase da adolescência. Na segunda parte trata de temas sobre o pensamento e a linguagem da criança nos aspectos das estruturas cognitivas. O autor explica como o desenvolvimento intelectual, mental e afetivo se processa de modo articulado, por meio do desenvolvimento das estruturas lógicas, procurando demonstrar que toda gênese parte de uma estrutura e chega a uma estrutura e toda estrutura tem uma gênese. (PIAGET.J. 2012)<sup>1</sup>. A partir desta premissa, são definidos os seis estágios do desenvolvimento desde os reflexos, das “primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções”(PIAGET, 2012, p. 5) até o pensamento operatório abstrato. Este seria atingido no final da adolescência, com a formação da personalidade e “inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos” (PIAGET, 2012, p. 5).

Ler, analisar e compreender o pensamento do autor, não foi tarefa assim tão fácil. Porém, a equipe buscou entendê-lo e isto foi realizado nas reuniões semanais, nas discussões sobre o que havíamos entendido e como tais noções seriam trabalhadas nos cursos e no Jardim de Infância. A compreensão de cada etapa do desenvolvimento infantil, de fato nos interessava, para que pudéssemos orientar os professores a estimularem, por meio de atividades pertinentes, a formação da inteligência e da afetividade dos alunos. Todo este empenho em fundamentar cientificamente o trabalho pedagógico realizado tinha a liderança segura de Onilza, que sabia conduzi-lo com segurança.

Particularmente, as ideias de Piaget encontravam um campo especial de aplicação nos cursos de habilitação em Jardim da Infância, sobretudo quanto à compreensão do 4º estágio: “O estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (de dois a sete anos, ou segunda parte da

---

<sup>1</sup> Para este artigo foi consultado o exemplar da 25ª edição, de 2012.

‘primeira infância’)” (PIAGET, 2012, p. 5). Sob a coordenação geral de Onilza, e minha coordenação específica neste curso, as duas professoras do Jardim de Infância recebiam orientações sobre as atividades que deveriam desenvolver com as crianças, de acordo com o nível de desenvolvimento que apresentavam. As atividades oferecidas aos pequenos alunos tinham o objetivo de contribuir para o seu desenvolvimento intelectual e afetivo, em ambiente alegre e cheio de vida.

As professoras planejavam suas atividades e eu as supervisionava; porém o andamento e os novos direcionamentos que seriam dados eram discutidos com a Professora Onilza. Nessas ocasiões, o ambiente era cordial, de troca entre colegas sobre o direcionamento dado à educação das crianças que frequentavam as classes do Jardim de Infância. Devia-se também a tal atitude, o clima tranquilo, porém empreendedor, em busca de uma maior compreensão da criança e de sua formação. Os direcionamentos que eram operados, não o eram em função de novas técnicas, mas partiam da preocupação em compreender e incentivar o desenvolvimento infantil, respeitando-lhe a infância.

Outra obra que me foi colocada nas mãos por Onilza, para auxiliar na atuação junto aos cursos de Especialização em Educação Pré-Primária, tratou-se de “Jardim de Infância - princípios gerais de aprendizagem”, da autoria de Foster e Headley, com tradução de Daysi R. Wyllie, publicada em 1967, pela Editora Ao Livro Técnico S. A. Este livro fazia parte da coleção Educação primária – guias de ensino. Pela data de publicação podemos ver que a Professora Onilza procurava as últimas publicações sobre a educação, e as passava aos que estavam sob sua direção, buscando a constante atualização das atividades que seriam realizadas. Hoje, com o livro em mãos para escrever este artigo, deparo-me com trechos sublinhados, provavelmente aqueles que chamaram mais a atenção e foram discutidos. O primeiro deles faz parte do Prefácio escrito pelos próprios autores. Diz o seguinte:

Para suprir as necessidades infantis nesta era do botão, o Jardim de Infância precisa dar ênfase especial a uma fase específica de seu programa. Como sempre fez, prepara oportunidades para as crianças pequenas viverem saudavelmente em grupo, mas, como suplemento, esforça-se em proporcionar a essas crianças experiências que as ajudarão a correlacionar e a ajustar os conhecimentos obtidos através de experiências novas. Atualmente, conhecimentos e informações capsulares vêm sendo lançados de todas as direções sobre as crianças e, por isso, o Jardim de Infância precisa estar mais do que nunca interessado em ajudar os indivíduos a encontrarem e a esclarecerem os significados por meio da vivência e da experimentação (Foster e Headley, 1967).<sup>2</sup>

A obra tratava da educação das crianças nos jardins de infância norte-americanos. No entanto, servia como um manual com muitas orientações que abrangiam desde a criança de 5 anos. Ainda abordava temas sobre a professora de Jardim de Infância, equipamentos da classe, atividades a serem realizadas durante o ano letivo, recreação, canto, educação musical, jogos, habilidade de expressão da criança, ciências e estudos sociais, experiências

2

A citação mantém a grafia original.

ocasionais que poderiam ser vividas no cotidiano das classes, experiências audiovisuais, crianças que precisariam de atenção especial, registros e relatórios, aprendizagens básicas e prontidão para a primeira série.

Como é possível verificar, a relação de temas abrangia não só a criança que frequentava as classes de Jardim, mas o aparelhamento da escola, a professora e um amplo rol de atividades. Embora o livro tenha sido direcionado aos jardins de infância norte-americanos, suas orientações auxiliavam em muito, as orientações para os jardins de infância brasileiros, uma vez que as concepções de infância e de educação infantil que fundamentavam tais orientações fizessem parte do universo teórico daquele momento.

Deste modo, o livro se ocupou das aprendizagens básicas e prontidão para a primeira série. Tais aprendizagens constituíam-se no principal objetivo da educação infantil nos jardins de infância. Tratava-se de promover o desenvolvimento da motricidade, principalmente das habilidades motoras finas, que preparariam a criança para aprender a escrita, quando na 1ª série. Os jardins de infância tinham o objetivo de deixar as crianças aptas para a alfabetização. Esta não era uma orientação apenas do livro ora comentado, mas fazia parte das orientações que provinham de teóricos estudados nas escolas normais, tais como Montessori, Decroly e Piaget e constituíam o cabedal da fundamentação teórica que dava sustentação à formação de professores.

Estava muito presente ainda a fundamentação oferecida pela Biologia Educacional que orientava os testes de inteligência e os exames biométricos, cujos resultados procuravam avaliar o desenvolvimento físico e mental dos alunos. Porém, também o desenvolvimento afetivo das crianças era bastante valorizado. A visão da criança que frequentava as classes de Jardim de Infância, já não aparecia tão romantizada, como em Montessori<sup>3</sup>, mas sim, atenta aos seus interesses:

A criança de Jardim investiga, examina e pergunta. Frequentemente parece ser uma animada caixa de perguntas som inquirições que vão desde questões relativamente simples como ‘De onde vem a madeira?’ até perguntas complexas como ‘Para onde vai a eletricidade quando se desliga a luz?’. Com frequência envolve-se em tudo. Arde de curiosidade sobre o peso, resistência, gosto e cheiro de todas as espécies de materiais. Deseja saber como as coisas funcionam e vira manivelas e interruptores para descobrir. Anseia por testar sua força e exibir suas proezas. De fato, há pouco que não queira tentar. Tesouras, tintas, serrotes, vassouras, peças de máquinas e aparelhos de ginástica – todos a desafiam. Gosta muito de livros e histórias. Sabe que são fontes de informações e frequentemente apresenta um livro para provar uma questão. O meio ambiente lhe oferece intermináveis estímulos. A vivaz criança de cinco anos raramente está ociosa (FOSTER E HEADLEY, 1967, p. 16)<sup>4</sup>.

As afirmações e descrições trazidas pelos autores acima citados serviam como orientação, mas também como desafios, pois o que era proposto por Onilza, não se prendia a seguir cegamente o descrito, mas a pesquisar, observando as crianças que frequentavam

3 Ver “A criança”, de autoria de Maria Montessori, Coleção Psicologia e Pedagogia, Portugália Editora, 1969.

4 Conservou-se a grafia original.

a classe de Jardim de Infância que tínhamos. Para isso, cada uma delas era observada, seu comportamento diante das atividades e seu desenvolvimento. Para Onilza, a professora era antes de tudo, uma investigadora, uma pesquisadora, sempre em busca de uma maior e melhor compreensão de seus alunos e do modo de dirigir a educação, que a escola deveria proporcionar.

Em outra parte do livro, encontrei fortemente grifado, o seguinte: “ Como certo educador já disse, a tarefa da professora é ensinar à criança como pensar e não o que pensar”<sup>5</sup>. E mais adiante: “ Atitudes que se originam da verdadeira compreensão, não superficial, estão entre os mais importantes procedimentos concomitantes à aprendizagem”(FOSTER E HEADLEY, 1967, p. 179).

Certamente estas afirmações foram muito discutidas no grupo de estudos que Onilza dirigia e serviram de orientação para o trabalho desenvolvido.

Vale remarcar que as leituras, discussões e práticas pedagógicas serviam como elo entre a direção, as coordenações, os professores que atuavam na classe de Jardim, mas também com os professores que lecionavam no curso de especialização em Jardim de Infância. Os demais autores lidos e discutidos, quando não tratavam desse nível de ensino, constituíam-se no elo entre a direção, as coordenações e os professores atuantes nas especializações em Administração Escolar e Orientação Educacional.

Ainda no ano de 1969, sob a coordenação de Onilza, participei da Comissão encarregada de reformular o currículo do Curso de Educação Pré-Primária do Instituto de Educação do Paraná. Essa proposta de reformulação foi apresentada ao Conselho Estadual de Educação, tendo recebido aprovação com elogios. Assim era tudo o que Onilza dirigia: procurava com que a equipe fizesse o melhor, o mais atualizado, mas também o mais pertinente. Infelizmente não tenho a cópia do documento apresentado, mas a declaração assinada pelo então Diretor Geral do Instituto de Educação do Paraná, Ulysses de Mello e Silva.

Embora eu tenha resgatado lembranças de uma etapa de minha vida profissional para escrever este artigo, e neste resgate tenha procurado livros e recordações do que fazíamos nos Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento do Instituto de Educação do Paraná, lá está presente a professora Onilza, na liderança dos trabalhos. Talvez seja este o principal papel de um líder: dar oportunidade aos que consigo trabalham, de adquirirem novos conhecimentos, refletirem sobre ações que impulsionam as atividades realizadas e colherem juntos, os resultados obtidos. Isto ela o fazia, sem deixar prevalecer os aspectos técnicos sobre sua formação humanística. Seu profissionalismo que se manifestava nas ações pautadas em fundamentos científicos convivia com sua afetividade, compreensão do problema do outro e participação na vida da escola.

Há um documentário que traz testemunhos de pessoas que foram alunos de uma escola em Rosário, na Argentina, e cuja fala de uma das ex-alunas, me faz lembrar o que escrevo agora. O filme se intitula “La Escuela de la Señorita Olga”<sup>6</sup>. A ex-aluna, ao lembrar da

5 Conforme original.

6 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YJRzTcNWITY>. Acesso em 25/06/2018

vida na escola, rememora o papel de liderança e de dedicação à educação vivido por Olga, então Diretora. Diz ela: à frente de tudo estava ela: Olga. Posso agora lembrando aquele período rico em experiências e convivências, afirmar também: à frente de tudo estava ela: Onilza.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 20 de dezembro de 1961.** Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 28/05/2018.

BRASIL. Decreto Lei nº 8530, de 02 de janeiro de 1946. **Lei Orgânica do Ensino Normal.** Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 25/05/2018.

FOSTER E HEADLEY. (Trad. Daysi R. Wyllie) **Jardim de Infância.** Princípios gerais e direção de atividades. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967.

MONTESSORI. M. (Trad. Adília Ribeiro). **A criança.** Lisboa: Portugália Editora, 1969.

PIAGET. J. (Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva). **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PIAZZA. M. **La Escuela de la Señorita Olga.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YJRzTcNWITY>. Acesso em 25/06/2018.